

## Otacílio Colares

É de grande alegria para mim este momento, em que me proporcionais a honra extraordinária de ser recebido em vosso meio, na qualidade de par de uma luzida plêiade na qual o Ceará se reflete, perante o juízo coletivo, como expressão de inteligência e de cultura.

Alegria em que vai também — por que disfarçar? — uma parcela natural de desvanecimento. Um desvanecimento que, no fim de contas, nada mais é do que a convicção de não haver ideal puramente alimentado, nem esforço honestamente empreendido, que não venha, mais cedo ou mais tarde, dar a quem os alimente o prêmio entressonhado.

Acabais de premiar, com a eleição para a Cadeira 33 desta Augusta Casa, pelo menos trinta anos de labor de alguém que, cedo, muito cedo, dividiu a sua atividade mental entre o jornalismo militante e a literatura, não com pretensões ao êxito fácil e apressado; antes, com a humildade dos que sempre têm em mente haver, nos domínios da inteligência e da cultura, algo além do já conquistado, e que cumpre perseguir, como justificativa da existência.

Crede-me, Senhores Acadêmicos: não há no que acabo de dizer qualquer laivo de hipocrisia. Através de um tempo que vai da juventude sonhadora e atrevida até os dias atuais, conhecem-me perfeitamente muitos dentre vós, da minha geração, e muitos também — e para honra minha — de gerações anteriores.

Acredito mesmo dever eu a tal fato a votação expressiva que me guindou a este cenáculo, onde não pretendo deixar

morrer em mim o ânimo combativo e o espírito da honesta e desinteressada cordialidade, fatores que reputo serem o segredo maior do êxito das comunidades, mormente daqueles que, como esta Academia, reúnem o que se quer seja o crisol do pensamento de um povo, revelado nas letras como nas artes.

Destes-me a honraria do vosso convívio. Recebei a expressão do meu sincero agradecimento.

Permitistes-me, em gesto que jamais esquecerei, nem também os que me são mais caros — esposa e filhos — a oportunidade de crescer, por vosso aval e fiança, perante o juízo comum, como homem de letras consagrado.

Queira Deus que, de repente, não venha eu a fraquejar, dessas duas fraquezas temerárias — a da vanglória, que avilta o mérito, ou a da mumificação, que apaga o possível brilho. . .

Quero ser — e espero nisto me haveis de ajudar — o que sempre fui, até agora: um espírito inteiramente dedicado à luta pelo primado das idéias, numa nação como a nossa, em que tanto ainda há por conquistar, no plano ideal.

Agradeço singular e especialmente as palavras que acaba de dirigir-me, em vosso nome, e em tom pessoal de louvação comovedora e amiga, esse alto poeta que é Artur Eduardo Benevides, mais irmão do que amigo, pois na Poesia, que é a grande pátria da fraternidade, foi que cimentamos os sentimentos de recíproca e imperecível compreensão e estima.

Desde que me vi ungido do vosso beneplácito, passei a debruçar-me no tempo e a reavivar, modesta mas interessadamente, impressões da vida e da obra dessas duas figuras marcantes que foram Rodolfo Teófilo, Patrono da Cadeira 33, e João Perboyre e Silva, que tanto a dignificou durante os largos anos em que, como seu detentor, proporcionou a esta entidade que ora me abriga o brilho da sua inteligência, a expressão de sua variada cultura e sobretudo o exemplo da sua extraordinária contextura moral.

Quiseram os fados que viesse a ocupar, agora, esta Cadeira um homem de imprensa. Quiseram eles que Patrono e

meu antecessor tenham sido, ambos, homens que fizeram do periodismo, em determinados momentos da vida, a grande arma para expressão de seus sentimentos e pensamentos.

Rodolfo Marcos Teófilo, sem favor uma das mais fortes envergaduras de intelectual do seu tempo, era também um homem de ação, sendo apontado, agora ainda e já em sua época, como um espírito exemplar de lutador das nobres causas.

Perboyre e Silva, estilista de indiscutíveis méritos, criador de páginas das mais fortes e belas de pura origem espiritual, foi também um homem de comando, um líder autêntico, onde quer que haja feito sentida a sua atividade.

Se Teófilo, em toda a sua longa vida, dedicou-se com mais afinco às lides da produção eminentemente literária, Perboyre, ainda cedo, traçou uma paralela para o roteiro das suas cogitações intelectuais, fazendo-se um namorado da ciência jurídica, fórmula que encontrou, na maturidade, para a sua plena realização intelectual. E, por ser, antes de tudo, um esteta, escolheu naturalmente o Direito Internacional, como campo ideal para a universalidade dos seus sentimentos e pensamentos.

O que vale porém ressaltar é que ambos os temperamentos, vibráteis, idealistas e sobretudo fortes, tiveram sempre a preocupação do bem comum, na mais profunda significação do termo.

Quer em Teófilo, quer em Perboyre, cada qual na sua época, encontraremos sempre a figura do homem superiormente dirigido no sentido do Bem e da Justiça, a enfrentarem decisiva e corajosamente qualquer obstáculo para levarem avante idéias e cometimentos. E, quando assim fizeram, realizaram uma destinação digna do legítimo intelectual, que é a de pôr a inteligência e a cultura a serviço da humanidade.

Estamos, agora mais do que nunca, vivendo, no Brasil, a hora da inteligência a serviço da cultura, como bem comum. Passou já para nós a fase do intelectual "torre-de-marfim"; do ser excepcional, encastelado entre as nuvens, gozando bea-

tificamente o borbulhar do próprio engenho e preocupado apenas com a limitada esfera do aplauso das elites. . .

O intelectual do Brasil desta hora, tal como o de qualquer outra parte do mundo, já se compenetra de que os dotes excepcionais de que foi dotado não podem nem devem ser patrimônio próprio mas serem, isto sim, transformados em ensinamento e ação, a serviço da coletividade.

Rodolfo Teófilo — farmacêutico, professor de ciências naturais, prosador fluente, poeta inspirado, jornalista veraz, pioneiro de indústrias, foi um combatente em constante luta na defesa do povo.

Assim também o foi Perboyre e Silva — prosador primoroso, orador vibrante, professor emérito e jornalista sem medo e sem mácula, voz e espírito sempre unidos na defesa dos sãos princípios.

Daí por que esta Cadeira 33, a que sou guindado em estado de graça e comoção, assume, diante dos meus sentimentos, o porte e a luminosidade de um santuário, tão altos foram aqueles que a dignificaram, antes desta minha intromissão: o primeiro, como num tutelado; o segundo, como exemplo estimulante.

Homem de imprensa que sempre me honrei de ser, embora tenha na Poesia o meu remate de males, agradeço a Deus, que inspirou meus nobres pares, quando me elegeram ocupante da Cadeira 33, que tem a caracterizá-la uma ascendência tão nitidamente próxima do povo.

Lembro-me muito bem — era nos meus treze anos. . . O bonde do Benfica deixava, chocalhante, o desvio da Praça de Pelotas e enveredava, ronco porém amado, pelo então *Boulevard* Visconde do Cauípe. . .

No estribo, livros debaixo do braço esquerdo; o direito sustentando o corpo mirrado na periculosidade do balaústre, lá ia eu, pelas tardes da minha cidade, de volta do Instituto São Luís, em demanda de casa, no percurso diário de após-colégio. . .

Jamais, ao passar o bonde na confrontação entre Antônio Pompeu e Domingos Olímpio, deixava eu de olhar para a casa

solarenga que assomava na paisagem do velho quarteirão e que tinha para a minha sensibilidade florescente uns ares místicos de relicário.

Ali — dissera-me uma vez meu saudoso pai — mora o Rodolfo Teófilo. E de então por diante, quantas vezes, ao passar, via-o, de relance, lá dentro, com suas imensas barbas brancas de asceta, enquadrado no desvão de uma janela, para além do jardim. . .

Sobre o grande lutador que fora Rodolfo Teófilo muito me contara meu pai, ele, o homem simples do povo, que aprendera a conhecer, amar e venerar também os puros e os santos da terra. . .

Depois, graças a Deus, aconteceu em mim o milagre do amor às letras. E, para felicidade minha, logo depois dos livros de capa-espada e de Júlio Verne, foi na boa, vigorosa e pura literatura regional de minha terra que passei a entreter os meus amores com a Arte.

Foi na quase meninice, que me caíram sob os olhos, para se gravarem na memória de infante, os romances tão estranhos de Pápi Júnior; a prosa e a poesia de Antônio Bezerra e os livros de Rodolfo Teófilo. Deste último, ainda hoje, tenho gravados cenários que me contundiram e arrebataram, ora na grandeza encantatória da descrição da natureza, ora na rudeza agreste da alma humana, crua mas inteligentemente exposta.

Foi com a ansiedade de quase criança que vivi a epopéia em água-forte de *Os Brilhantes*; as situações pungentes de *Maria Rita* e enchi de verde, águas e mistérios a minha alma febril, ao contágio de uma Amazônia de sorilégio, a que a magia de Rodolfo me levara, sem que ele próprio a conhecesse, através das páginas de *O Paroara*.

E a cada livro outro que me caía às mãos, escrito pelo autor de *A Fome*, crescia em mim a admiração mais pura, pois sabia-o, além de criador de estórias, um humanitário salvador de vidas, quando das grandes epidemias de varíola e um ferrenho adversário do escravagismo impiedoso e sedição.

Passou o tempo. . . Alargaram-se para mim os horizontes da inteligência, mas a marca de Rodolfo Teófilo engastou-se em minha paisagem íntima.

Depois, quando o espírito da crítica se instalou na alma do adulto, foi bom verificar que, ao ensejo de uma releitura da vasta e variada obra literária do grande escritor, aquilo que inconscientemente impressionara a criança e o adolescente era o que justamente, perante o juízo mais sólido do intelectual amadurecido, se ostentava como a revelação espontânea do gênio criador, o sinal infalível do vanguardista, o estigma da obra de arte com a destinação da perenidade.

Rendo homenagem a Rodolfo Teófilo como homem integral, que tudo fez, na sua longa vida, sempre em obediência aos impulsos sinceros, e que, por isto mesmo, já agora, através do crivo do tempo, reflui para o mundo das letras do Ceará, e infelizmente ainda não do Brasil, como autêntica expressão de inteligência, revelada numa obra de ficção que se valoriza, antes de tudo, pelo que, à sua época, parecia defeituoso aos espíritos bitolados dos gramáticos e dos convencionais.

A personalidade e a obra de Rodolfo Teófilo, formadoras de um todo homogêneo, nas origens e na mensagem, não poderiam caber, mesmo em estudo sabiamente resumido, nas limitações naturais de uma oração como esta.

Elas merecem — e ainda haverão de ter, como prêmio de justiça — estudo circunstanciado e longo, em que facetas inúmeras sejam devidamente realçadas, bastando, para justificar volumes, a análise cuidadosa de nada menos de vinte e sete obras publicadas e que abrangem a crônica histórica, o romance, o conto, a tese científica e social, a produção de cunho pedagógico, a poesia, o panfleto, o ensaio e a pura e beneditina mensagem de humanidade.

Obra cearense, feita por quem, tendo nascido na Bahia por mero acidente circunstancial, mas criado, sofrido e vivido no Ceará, dizia, incisivo, a quem procurasse lembrar-lhe a terra do berço incidental: "Sou cearense porque quero!"

Obra de um espírito luminoso, que viveu intensamente os melhores e mais duradouros movimentos literários e filantrópicos da sua terra, cristalizados os primeiros na “Padaria Espiritual”, a que ele deu, com sua energia e respeitabilidade, o cunho de realizações de uma segunda fase fértil em méritos; os segundos, na campanha da abolição dos escravos, de que foi um dos mais fortes esteios.

Quando os homens de idéias se compenetram do que foi a obra que realizou Rodolfo Teófilo, o Ceará, pagando dívida contraída com a sua História, há-de erguer-lhe a efígie em bronze e reeditar-lhe a vasta produção literária. Por agora, cabe-me, na qualidade de ocupante da Cadeira que tem o seu patrocínio, reverenciar-lhe a memória e exaltar-lhe as grandes tarefas cumpridas.

Quis o destino que, em mim, o conhecimento de Perboyre e Silva fosse também uma contingência de infância...

Menino estudante, nascido e criado em cidade também menina — que assim era a Fortaleza, nos idos de 29 e 30 — sempre andei às voltas com o movimento das nossas ruas centrais, numa época em que estudantes, pobres e ricos, se misturavam nos grandes grupos alegres, ansiosos por emoções simples, humanas e naturais.

Foi como menino que conheci Perboyre e Silva, já então bacharel recém-formado, articulista brilhante, laureado pela justa popularidade — prêmio que cedo lhe chegava, por conta de uma juventude orientada no sentido das lides intelectuais, e que tinha na mesa do jornal diário a trincheira de combate. o veículo inestimável para a disseminação de idéias e convicções forjadas ao calor de uma têmpera rija de lidador intromorato.

Naqueles tempos em que o sofrimento do povo brasileiro se incendiava, através de líricas idéias e movimentos libertários; em que o patriotismo reafiorava nos espíritos, sobretudo no seio da mocidade estudiosa, João Perboyre e Silva apareceu como uma súbita cintilação de milagre, no cenário agitado da Província.

Na liderança natural do meio acadêmico; através do periodismo candente e desassombrado, e sobretudo na oratória sempre vibrante e inflamada, quer dos salões fechados, quer das ruas e das praças públicas, cuja alma ansiava pela voz dos legítimos representantes, aí esteve ele sempre, e brilhou de brilho inextinguível.

Cerro meus olhos, recuo à infância, e me vejo postado entre milhares, ali na Praça do Ferreira, o bastião tradicional da população, em tantos e inesquecíveis momentos de comoção coletiva. Revejo, a assomar, no sempre lembrado coreto de tão gratas recordações, a figura apolínea do moço Perboyre e Silva, sempre seguro de si, certo do domínio dos seus talentos sobre a heterogeneidade perigosa mas fascinantes das multidões.

Ninguém como ele para estabelecer, com o simples alçar-se a um palanque, o silêncio miraculoso de ligação entre o verbo que vai animar uma idéia e a massa informe a ser por essa idéia galvanizada e dirigida.

Feito o silêncio, estabelecido entre o mágico e a turba o mistério da íntima sintonia, então era de ver-se o olhar sobranceiro do atleta da palavra, que iniciava a oração no tom pausado dos colóquios cuidadosos para, logo mais, na proporcão do domínio progressivo, arremessá-la escachoante mas segura, forte mas serena, arrebatada mas clarividente, no sentido exato do fim colimado, ou seja o paroxismo da hipnose, aquele instante em que, ao simples aceno de um Desmoulins, as barricadas se formam, como em passe de mágica, e as Bastilhas vêm a ruir, como castelo de cartas.

Esta, a visão que sempre guardei de João Perboyre e Silva... Grata visão de juventude e, por isto mesmo, tão impregnada de Poesia...

Depois, quando a vida me levou a perlustrar salas e corredores da Faculdade de Direito, eu já então na posse das minhas veleidades literárias, ali entrava Perboyre e Silva, para reencontrar-me no quinto ano da tradicional escola, ele — transfuga da literatura, transformado em sacerdote do magistério das leis.

Um Perboyre mais contido em seus arroubos, àquela época, talvez, já decepcionado das primeiras e fundas decepções em que é fértil a triste sociedade dos homens, mas — quem sabe? — por isto mesmo, mais cheio daquela íntima capacidade de comunicação dos puros, ele que levou a vida a dar-se em holocausto a ideais.

Estudante desinteressado do Direito, que infelizmente sempre fui, porém preocupado cada vez mais com a beleza, através de outros caminhos menos árduos, continuei, ali, a ver e ouvir Perboyre e Silva, como fonte de inspiração, na correção da frase sempre justa, na oportunidade das imagens, na clareza da conceituação.

Ouvir-lhe uma exposição valia como sentir a magia de um estilo que era sempre rico, na aula doutoral como no editorial diário; na página rebuscada de uma crônica de lembrança como no verberar incisivo de um discurso improvisado.

Mestre consagrado da palavra falada, foi ele, também, um mestre da palavra escrita. Sabia causticar os potentados, na defesa dos esquecidos pela Justiça, com a mesma arma de um estilo muito próprio com que, logo mais, cantaria uma loa de amor à natureza.

Sempre nele a predominância do sentimento, a nota vibrante, partida do coração. Talvez por isto tenha sido sempre, de um modo geral, um melancólico.

Sentindo-se portador do ânimo miraculoso do verbo, continha-se ao máximo, no sentido de evitar os transbordamentos amiúde. Mas, quando nele ocorria a centelha da emoção insopitável, aparecia sempre a página emocionalmente construída, como é o caso daquela sua *Oração à Chuva*, em cuja tessitura encontramos coisas assim:

“És a romanza do amor. O Solo, o Solo cearense, que a canícula estorrica e inflama, é o teu enamorado eterno. Quanto mais foges, mais ele te deseja e mais arde, mais se calcina e mais se inferniza, no desespero da tua ausência. Estala na sede de teu beijo. Combure-se, tantalizado. Anseia por ti, chispa reverberos de ódio, porque o fogo de tuas entranhas exige o sedativo do teu bálsamo, a maciez do teu afago, a

pianíssima ternura glacial de tuas gotas. E — pobre enamorado — repulsa de sobre si os últimos lampejos de vida. E transforma sua face num lutuoso painel de catacumbas.

“Mas, quando vens e desces, noiva simbólica, tamborilando o rumor de tuas bâtegas, o Solo recebe a carícia dos teus ósculos. Embebe-os, sôfrego. Transfigura-se. E opera-se, nesse encontro, o milagre sempiterno do amor. Do amor que dá entusiasmo e dá frutos. Do amor que perpetua, na face da terra, o FIAT genesiaco da criação.”

Enamorado da língua como expressão sempre poética do pensamento, muitas páginas ele deixou assim, ressumantes de força telúrica e de imagens, a par de obras de indagação jurídica, tais como: *Territorialidade do Direito Internacional Privado*; *A Nacionalidade na Constituição de Novembro*; *Posição dos Credos Religiosos no Direito Internacional Privado*; *Pareceres*; *Pequena Introdução ao Estudo do Direito Comparado*, valendo destacar, como prova do seu amor às coisas da literatura pura e simples, a sugestiva conferência sobre a personalidade e a obra de João Ribeiro e o interessante trabalho interpretativo intitulado *O Concurso da Escola na Transformação do Habitat Nordestino*.

O fascínio da ciência jurídica — repito — em muito roubou à literatura cearense um escritor de escol, na vida de Perboyre e Silva. Se não roubou, rigorosamente, tornou-o amante pouco fiel. Mas, sempre, aqui e ali, dava-se ele ao recôndito prazer de algumas fugas salvadoras, para furtivos e amáveis reencontros com o velho e mal contido amor... Pois quem uma vez sentiu em si o poder da Arte, onde quer que esteja, há de ser sempre um amante sujeito às entregas irremissíveis...

Na tribuna popular, como na cátedra ou no Júri; no periodismo diário ou nas lutas de liderança da classe jornalística, que tanto e tanto lhe deve, na função administrativa de relevo, como no convívio dos que o compreenderam e amaram, João Perboyre e Silva foi sempre um bloco inteiriço, em ação e sentimento, mas, sobretudo, inteligência e caráter alcan-

dorados à luz dos mais sadios ideais. Em vida, um exemplo; morto, um fanal de luz imperecível.

Esta Academia, a que emprestou o brilho do seu nome, tem a sua memória entre as mais gratas relíquias. Ele e Rodolfo Teófilo, completando-se na obra de ação e inteligência que realizaram, dão à Cadeira 33 do nosso augusto sodalício uma expressão de força extraordinária. Dessa força que se alimenta dos grandes exemplos é que necessitam entidades como esta, destinadas a varar as idades, como fochos de luz iluminando o futuro com as fontes indestrutíveis do passado.

Senhores Acadêmicos: queiram os céus que todo o esforço que venha a despender, à base do vosso apoio e do vosso exemplo, aqui neste cenáculo da Cultura, tenha o poder de fazer-me digno de ocupar o lugar que dois grandes vultos tanto ilustraram. E que o faça ao menos sem desprimor, quando não possa fazê-lo com os esperados méritos. . .